

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XVII nº 130, maio/junho — 2025



A GRANDE FINAL

Wilson Rossato

Dia 25 de junho de 1995 amanheceu com tempo bom, tanto é que deu praia como no dia anterior. Mas era também dia de final de campeonato, de Fla-Flu.

“Até hoje em todo o mundo não há um jogo que chegue aos pés do Fla-Flu. E cada jogo entre o Flu e o Fla parece ser o maior do século”, dizia Néelson Rodrigues. Contudo, apesar da agradável manhã, à tarde o céu parecia desabar de tanta chuva que caía no Rio de Janeiro. A despeito disso, as torcidas, em sua esmagadora maioria rubro-negras, não paravam de cantar. E entre elas estava um senhor de 71 anos na época, João Sant’anna, pai do treinador, instalado nas cadeiras especiais e com radinho colado no ouvido, torcendo pelo time do filho, mesmo sendo flamenguista.

A retrospectiva era boa para o Fluminense contra o Flamengo naquele campeonato. Já tinham se enfrentado três vezes e o Tricolor tinha vencido duas (3 a 1 e 4 a 3) e um empate (0 a 0), com o zagueiro Lima, o que veio do Sport Recife, conseguindo neutralizar Romário todas as vezes. O baixinho não havia marcado nenhum gol nesses encontros.

Joel Santana, vestindo uma capa de chuva transparente sobre a roupa, procurou manter a calma em meio ao caldeirão em que havia se transformado o Maracanã e escalou o Fluminense no esquema 4-4-2. A defesa estava firme com Lima no meio e Lira na esquerda, um meio de campo consistente com Djair e Aílton, e o ataque com Renato sentindo a perna, mas com muita disposição para ser campeão. Romário e Sávio teriam marcações especiais.

“Meus times sempre têm que ter uma postura em campo, saber o que fazem e, ao

mesmo tempo, jogar com garra e elegância”, Joel declarou em entrevista à beira do campo.

O juiz da partida, Léo Feldman, deu o apito inicial ainda sob forte chuva. O Flamengo saiu com a bola e com a torcida cantando a plenos pulmões “Mengo, Mengo”. Porém, essa mesma torcida logo começou a gritar “queremos raça, queremos raça”, pois o Flamengo jogava de maneira apática, como quem só precisava esperar para ser campeão. O Fluminense, pelo contrário, avançava sob as palavras de incentivo de seu treinador.

O lateral-esquerdo Branco recebeu um amarelo aos 23’ e Charles aos 28’ pelo Flamengo. Luxemburgo estava agitado, o Fluminense surpreendia com muita velocidade e um futebol envolvente. Ele sabia o que poderia acontecer se continuasse assim. E aconteceu aos 30’. Leonardo recebeu na esquerda, passou para Rogerinho cruzando para Renato que dominou com o pé direito e, mesmo caído, finalizou com o esquerdo, marcando o primeiro gol. A torcida tricolor explodiu.

Agora o jogo era outro. A vantagem do Flamengo tinha acabado.

Luxemburgo mandou o time sair para o jogo. Renato e Rogerinho receberam amarelo pelo Flu e Marcos Adriano pelo Flamengo. O clima era sempre tenso e Joel

Santana saiu do banco dando bronca em Djair e em todo o time. A torcida tricolor começava a cantar o hino em homenagem ao Papa João Paulo II “A bênção, João de Deus” e a chuva continuava não dando tré-gua.

Aos 42’, o Fluminense consolidou o bom futebol que vinha apresentando. Márcio Costa chutou de longe e o goleiro do Flamengo espalmou; Renato conseguiu alcançar e passou a bola para Leonardo que, com o gol vazio, marcou o segundo. A torcida foi ao delírio, estava pintando o campeão. Léo Feldman deu só mais um minuto de acréscimo e acabou o primeiro tempo. Joel Santana correu para o vestiário.

A chuva melhorou no intervalo e foi divulgado o público presente. 120.418 pessoas assistiam ao clássico com uma renda total de R\$1.621.850,00. Quando Joel e os jogadores desceram, encontraram Ximbica (apelido do roupeiro Emílio Pierrri Alencar) chorando e passando mal. “Nós vamos ser campeões, seu Joel. Nós vamos ser campeões”, repetia ele aos prantos, soluçando. Ximbica tinha problemas cardíacos (faleceu em 2002) e Joel tentou acalmá-lo porque sabia disso. No fim, mal pôde falar com os jogadores que tinham de retornar ao campo.

Continuação na página 4

UMA POETA INCONTORNÁVEL

Ronaldo Cagiano

▶ PÁGINA 9

POEMAS DE MÁRCIO CATUNDA

VELHOTE

(Paródia de um poema de Cecília Meireles)

Eu não tinha estes pés tão inquietos, tão oprimidos, que querem o tempo todo andar descalços na areia da praia.

Eu não tinha estes joelhos artrosados, tão enferrujados, que estalam quando eu me acocoro. Eu não tinha estes órgãos do prazer tão sem funcionalidade, tão acanhados pela circunstância do desuso.

Eu não tinha estes intestinos e este estômago, que fazem greve e protestam, no sindicato da digestão, contra minha alimentação de poeta itinerante.

Eu não tinha estas papadas de Papa, que a gravidade repuxa, na direção do gogó.

Eu não tinha este semblante vetusto: os olhos recauchutados, as pálpebras enrugadas, de tanto que contemplaram esplendores e espantos.

Não dei por estas metamorfoses.

Em que esquina do mundo ficou o meu corpo de rapaz?

A MÁQUINA DO TEMPO

(Poema dos 68 anos

Dedicado a todos os que me parabenizaram neste 22 de maio de 2025)

O tempo não passa,
mas deixa marcas.

Imprime as impressões.

Máquina de exponencial sensibilidade:

grava memórias e as dispersa.

O tempo é um cabriolet

num roteiro de sonhos.

O tempo é uma invenção da vida

ou é ele o inventor?

A vida é máquina que gera a si própria e não conhece o automecanismo da criação.

O tempo engendra a propulsão íntima

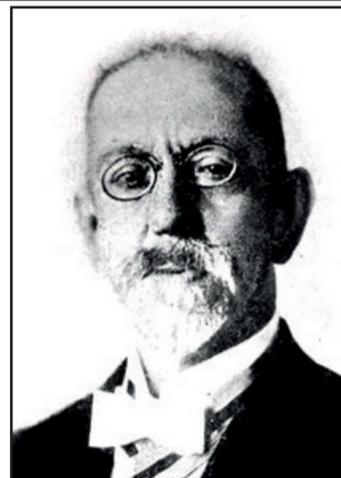
em que existimos.

Motor de altíssima voltagem.

Artefato animado

de sensíveis cilindradas.

Soneto do Mês



TRISTE FILOSOFIA

Carlos de Laet

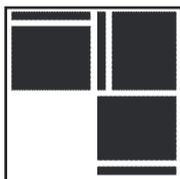
Ia Rosa vestir-se, e do vestido
Uma voz se desprende e assim murmura:
“Muitas morremos de uma morte escura,
Por que te envolva sérico tecido!”

Ia tocar-se, e escuta-se um gemido
Do marfim que as madeixas lhe segura:
“Por dar-te o afeite desta minha alvura,
Jaz na selva meu corpo sucumbido!”

Põe um colar e a pérola mais fina:
“Para pescar-me, quantos párias, quantos!
Padeceram no mar lúgubres sortes!”

E Rosa chora: “Oh! desditosa sina!
Todo sorriso é feito de mil prantos,
Toda vida se tece de mil mortes!”

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer

CEP 70390-078 – Brasília – DF

Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642

E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho

Vice-Presidente: Roberto Rosas

Secretária-Geral: Sônia Helena

1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha

2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria

Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,

Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,

Kori Bolívia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 130 – maio / junho 2025

Editor

Anderson Olivieri

(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena e

Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Rosângela Trindade e Cristina Cardoso

Revisão

Napoleão Valadares

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303

(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

CORPO NU À BEIRA-MAR – UM BELO LIVRO DE CRÔNICAS

Wilson Pereira

A crônica literária nos proporciona, em geral, uma leitura agradável, prazerosa e, não raro, divertida. Elaborada quase sempre em prosa poética, com laivos de humor e ironia, esse tipo de texto curto e leve, sem artifícios estilísticos sofisticados, caiu no gosto dos leitores, mesmo os mais exigentes, e também atraiu grandes escritores brasileiros, que se tornaram, além de poetas, romancistas, contistas, excelentes cronistas. Além de Rubem Braga, expoente reconhecido do gênero, encontramos como autores consagrados de crônicas nomes como Paulo Mendes Campos, Otto Maria Capeaux, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, entre outros.

A professora e escritora mineira, de Patos de Minas, Elisa Guedes, lançou recentemente o livro *Corpo Nu à Beira-Mar*, um excelente exemplar de crônicas, no qual aborda diversos temas. Embora seja este o primeiro livro da autora, ele é fruto de uma maturidade cultural e literária extraordinária, do mais elevado nível de escrita criativa. Está subdividido em 5 partes, de acordo com os temas pelos quais a autora incursiona, a saber: “Coisas do Entardecer”, “Coisas da Política”, “Coisas da Arte – Cultura e suas Preferências Nacionais”, “Relacionamentos e suas coisas”, “Coisas Locais”.

Na primeira parte, “Coisas do Entardecer”, são enfocados os problemas e as vicissitudes, “as delícias e as amarguras” do envelhecimento. Com bom humor e sabedoria a autora narra fatos que ocorreram com ela e com outras pessoas de sua convivência e faz reflexões interessantes sobre o passar do tempo e a chegada da chamada terceira idade. Sem lamúrias, sem autopiedade, mas também sem um conformismo autoindulgente, ela vai tecendo suas considerações, de maneira sóbria e sábia, sobre a passagem do tempo e sobre o que a vida traz aos que vivem seus setenta anos ou mais. E se ampara, às vezes, em citações, bem contextualizadas, de poetas e escritores, como Drummond e Guimarães Rosa, de filósofos, como Simone de Beauvoir, de pintores como Da Vinci e Munch, em músicos como Chico Buarque, Caetano Velo-

so, Gilberto Gil e Nelson Cavaquinho, entre outros. Vamos, com a leitura saborosa dessas crônicas, aprendendo a ver a vida com mais humor e aceitação do inevitável.

Mas não é só isso. Ainda nessa primeira parte, a autora enfoca um leque de variados temas e subtemas como educação, arte, cultura, relacionamentos familiares, amorosos e sociais, amizades. Enfim, com sua antena giratória de boa observadora da realidade, ela capta e filtra tudo que o mundo a sua volta lhe oferece para sua análise percuciente dos fatos e das circunstâncias. Como bem nota o prefaciador Luís André Nepomuceno, “(...) o livro de Elisa Guedes entrega uma diversidade de temas e sabores contemporâneos, num imenso todo de variedades, como se a consciência saísse por aí a vasculhar o mundo e suas complexidades”. O mesmo autor do prefácio já afirmara, linha antes: “São crônicas (...) que vão do texto literário breve (...), extraídas do cotidiano imediato, até as reflexões mais penetrantes e fincadas no drama social e político do país”.

Na segunda parte, “Coisas da Política”, a autora expõe, de forma corajosa, sua visão crítica, às vezes impiedosa, mas sem arroubos discriminatórios ou deselegantes, contra as aberrações, a onda de ódio e a insanidades que assolou o país no passado recente, em que os adoradores de mitos manifestaram sua adesão a uma indecorosa maneira de conduzir a vida política do País. Não se trata aqui de proselitismo, de discurso partidário, mas de uma visão de mundo que não coaduna com a falsidade, com a hipocrisia pseudo-religiosa, com bravatas inconsequentes, mas sim com a busca da verdade e do bem comum, da justiça social, com a preservação da natureza e com valores humanos incontestáveis. Elisa tem lado e demonstra sem qualquer receio que lado é esse. Na crônica “Amigos que perdi, amigos que nunca foram”, ela declara: “O compromisso me é tão intrínseco que deixar de alertar e denunciar as necessidades sociais e as mazelas governamentais que impedem de combater as desigualdades é impensável. Meu jeito de estar no mundo não é a placidez serena de *Monalisa*, mas o desespero de *O Grito*. Nessas belas criações,

Munch me representa, Da Vinci apenas me encanta”. Mas mesmo a revolta e a indignação da autora são contornadas pela lucidez e pelo bom senso. Enfim, essas crônicas são tão sinceras, com argumentos tão bem fundamentados e contundentes, e são tão bem escritas que ao final da leitura de muitas delas tive ímpeto de bater palmas, de pé, como fiz, juntamente com toda a plateia, quando acabei de assistir, no cinema, ao filme *Ainda estou aqui*.

Na terceira parte, ao focar questões relativas à educação, à arte e à cultura, a autora mostra seu conhecimento e seu domínio cultural nessas áreas. Sobre a educação, como professora que foi por muito tempo, ela expressa, com conhecimento de causa, sua visão crítica sobre as deficiências do sistema educacional brasileiro. Aqui seus textos se aproximam de artigos de opinião e a escritora faz comparações com outros sistemas internacionais e fundamenta seus argumentos com dados de organismos internacionais como a OCDE.

Na quarta parte, sob o subtítulo de “Relacionamentos e suas coisas”, a escritora compõe belos textos sobre a saudade, o perdão, a traição, entre outros temas, com a perspicácia de quem tem o que dizer e o faz bem dito. Aqui predomina o texto leve, com viés poético e, às vezes, irônico. E sempre com a classe e lucidez que lhe são peculiares. Na crônica “Um homem feminino, o que posso desejar a uma garota no dia da mulher”, ela traça o perfil do homem ideal para ser um bom marido e companheiro: um tipo afetuoso, colaborador, sensível, sem os estereótipos do machista, do mandão, do autoritário. E toma como exemplo o músico Caetano Veloso, em quem vê as qualidades desse tipo homem.

Corpo nu à beira-mar é um livro digno de prêmios, mas mesmo se não os alcançar, tem o mérito de enriquecer a literatura mineira, e mesmo a brasileira, uma vez que se equipara ao que de melhor já se publicou no gênero da crônica no País. Tomara que conquiste um grande número de leitores, que poderão desfrutar do prazer da leitura. Além de informações e reflexões preciosas.

A GRANDE FINAL

Continuação da página 1

Eles voltaram ao som de “Nense, Nense” entoado pela torcida tricolor. Flamengo saiu para o jogo, empurrado pelos rubro-negros em maioria no estádio. Joel Santana mandou Lima e Sorley ficarem plantados por causa de Romário, e Branco meteu uma bola na trave de Welerson. Flamengo se animava cada vez mais a pressionar o Tricolor, que contra-atacava mal, com passes muito ruins.

A torcida do Flu tentou incentivar o time gritando o nome de Renato, que quase não voltou a campo no segundo tempo, por causa de suas condições físicas. O preparador físico Antônio Mello avisou que Renato não aguentava mais. “O jogo não acabou, deixa o cara lá”, respondeu Joel, consciente de que “jogador desse tipo não se tira”.

E aos 26’ aconteceu o que não era difícil de se prever. Charles Guerreiro chutou de longe e a bola bateu em Márcio Costa, sobrando para Romário que, rápido, bateu de esquerda e rasteiro. Gol. A torcida rubro-negra recomeçou a gritar “Mengo, Mengo” a plenos pulmões e houve uma explosão de fogos. Também houve um princípio de confusão debaixo das traves de Welerson, imediatamente após o gol e o árbitro expulsou Sorley, do Flu, e Marquinhos do Flamengo. Um a menos para cada lado. Joel Santana, tentando segurar o resultado, substituiu o atacante Leonardo e colocou o meia Cadu em seu lugar. Romário e Lima trocavam empurrões fora da visão do juiz.

Flamengo pressionou mais do que nunca e, aos 32’, Rodrigo Mendes avançou pela esquerda e cruzou para Fabinho que fez um bonito gol, dando um corte seco na defesa tricolor e batendo no canto direito de Welerson. Empate. O Flamengo voltava a ser campeão. Joel Santana sentiu um frio na barriga, mas logo tentou se equilibrar. Ainda havia tempo. Substituiu o meia Rogerinho e pôs em campo o atacante Super Êzio.

Aos 34’ o Tricolor tinha mais um jogador expulso. O lateral Lira deu um carrinho violento no autor do gol flamenguista e estava fora da partida, apesar dos conselhos do treinador, antes do jogo, para que ele controlasse as emoções, pois ficava muito nervoso antes de confrontos importantes. E com um detalhe: não caísse na conversa de Romário que, na hora que o jogo ficasse difícil, tentaria desestabilizar o jogador provocando-o. Não deu outra.

Joel sentiu um frio no coração: perto do final de jogo, a vantagem do empate para

o Flamengo e o Flu sem dois jogadores. Determinou que Cadu virasse lateral esquerdo com a expulsão de Lira.

“É campeão, é campeão” o volume do coro aumentava cada vez mais na torcida rubro-negra.

Mas aí o destino resolveu entrar em campo. Aos 42’, com todo o sentido de urgência que a situação exigia, Aílton recebeu pela direita e avançou sob a marcação de Charles Guerreiro, driblou para a esquerda (e lembrou que o treinador não gostava que ele usasse a esquerda), passou então para a direita e chutou em direção ao gol. No meio da trajetória da bola tinha Renato Gaúcho que, completamente sem jeito, só conseguiu usar a barriga para empurrar a bola. Gol. Gol do título. Gol de barriga que, de onde estava, Joel não conseguiu ver na hora como gol de Renato.

A torcida do Flamengo se calou de imediato.

E uma curiosidade bateu na memória de Joel na hora. O goleiro do Flamengo, Roger, jogava pelo Vitória, da Bahia, no ano anterior, quando levou um gol, também nos últimos minutos, do Bahia de Joel Santana, na final do estadual daquele ano. Coincidências do futebol

O Fluminense era campeão novamente com o 3 a 2. E aos 45’ ainda tem seu terceiro jogador expulso porque Lima deu um carrinho violento em Sávio. Pouco depois, Léo Feldman (muito elogiado pela condução da partida) encerrou o jogo e o Fluminense era campeão carioca após nove anos sem o título.

E Joel Santana levantou os braços em comemoração. Era pela quarta vez seguida campeão estadual. Em 92 e 93 pelo Vasco, no Rio, 94 campeão baiano pelo Bahia e agora pelo Fluminense.

O Flamengo correu para os vestiários e a histeria tricolor tomou conta do Maracanã. Torcedores, jogadores, dirigentes, repórteres de campo, policiais militares formavam um imenso bolo humano com bandeiras, fogos de artifício, gritaria, rezas, choro, abraços e cantoria. Em meio ao tumulto, Renato achou Joel, deu um longo abraço nele, e o carregou nos ombros para toda a torcida ver quem era, de fato, o grande responsável por aquela vitória e pelo campeonato conquistado. Os tricolores fizeram festa a noite inteira.

Fluminense Campeão Carioca de

1995. E, como num filme passando pela cabeça, mesmo em meio àquela balburdia, Joel recordou-se perfeitamente que ninguém acreditava que isso poderia acontecer meses antes. Ele, sim, sabia que era possível. E numa final emocionante como aquela. Tão emocionante que, 25 anos depois, uma enquete do site globoesporte.com realizada com 50 mil eleitores elegeu, com 59,79% dos votos, esse como o maior jogo da história do Maracanã.

No dia seguinte, a imprensa gastou páginas e mais páginas contando sobre a história do Tricolor faturando seu 28º campeonato carioca. “Fluminense é campeão” estampou em manchete o *Jornal do Brasil*, com uma foto enorme da taça sendo carregada por Renato, Ronald e Djair. Seu colunista, Sérgio Noronha, com o título de “Lento, gradual e definitivo” escreveu: “Na volta ao Rio, Joel Santana tinha duas propostas: do Vasco e do Fluminense. Preferiu a segunda para desvincular sua imagem à do técnico que só sabe trabalhar em seu clube de origem. A tentativa de criar uma imagem universal deu certo. Seu entusiasmo e sua capacidade ficaram tão evidentes desde o início que a torcida o poupou mesmo nos momentos mais críticos. Joel Santana trabalhou duro e sério. Primeiro definiu, depois deu consistência e, finalmente, confiança ao seu time. Um time que deixa evidente a obediência a seu técnico, o grande responsável pelo título”. E nessa mesma edição, o técnico da Seleção Brasileira, Zagalo (no tempo que se grafava o nome dele com apenas um L), afirmou que Joel foi mais ousado no comando do time que o adversário.

“Apoteose tricolor” foi o título de primeira página de *O Globo*, dia 26, e seu colunista Fernando Calazans, dia 27, com o título de “Joel e sua orquestra” assegurava:

“Um autêntico maestro. O Fluminense deve esse título ao seu treinador, a cuja qualidade como profissional não se precisa mais acrescentar uma só palavra. Basta declinar o nome: Joel Santana.”

Satisfeito com tudo o que havia acontecido em sua carreira nas últimas 12 horas, na segunda-feira, o estrategista, como gosta de ser chamado, tomou seu caminho e foi ao botequim do seu amigo Saraiva. E o português, então, preparou para Joel um sanduíche de carne assada caprichado, especial, acompanhado de um café com leite no copo.

Afinal, ele merecia.

Era campeão carioca de novo.

MEGALOMANÃO

Napoleão Valadares

João Parrudo tinha uma academia de atividades físicas, envolvendo ginástica, halterofilia e artes marciais. Salão amplo, arejado, bem iluminado. Contava com uma secretária e dois instrutores. O número de alunos crescendo. Quase sempre aparecia alguém em busca de matrícula.

E um dia quem apareceu por ali foi Megalomanão. De nome Antônio Pereira da Costa, deram-lhe o apelido porque tinha uma mania de grandeza do tamanho do mundo. Apelido que não o incomodava. Aliás, juntou o apelido ao nome, que ficou Antônio Pereira da Costa Megalomanão. E ainda tentou acrescentar mais três sobrenomes: Santos, Silva e Sousa. Com certa instrução, mas meio pancada e maníaco, umas vezes engraçado, outras ridículo.

Chegou e foi dizendo que aquilo ali era bem organizado, mas o salão pequeno. João informou que o salão não podia ser grande demais, tinha que ter um limite para que o instrutor pudesse dar os comandos e os alunos pudessem ouvir bem. Mas Megalomanão fincou pé. Academia que se prezasse tinha que ocupar um prédio todo, com muitos salões bem grandes, cada um com um instrutor. Se fosse ele o dono, seria assim. Uma academia só poderia ter alguma chance de sucesso se fosse bem grande, muito grande.

Foi embora, mas no outro dia voltou. Dessa vez estavam a secretária, um instrutor, João e Rufina, sua esposa. João pensou que ele tivesse gostado de ver o pessoal malhando e tinha vindo fazer sua matrícula. Falou baixinho à mulher: “Olhe aí, Megalomanão veio se matricular. Dinheirinho a mais...” Mas se enganou. O homem queria era conversar. Sentou-se num banco, espreguiçou, suspirou e foi desenrolando sua prosa, uma crítica à administração municipal.

– Tá vendo aí o prefeito? Arrumando uma praça do lado de lá da Avenida Tiradentes, mas uma pracinha mixuruca. Tinha que fazer uma praça grande, muito grande, uma praça, assim do tamanho da Praça da Sé, em São Paulo. Conhece?

João não conhecia. E Megalomanão aproveitou para dizer que em São Paulo tudo é grande, a começar pela confusão na cabeça das pessoas. Para se ter uma ideia, é a maior cidade da América do Sul. Se o sujeito facilitar, acaba ficando doido com tanta coisa grandiosa. Uma maravilha. Uma loucura...

João bateu a cabeça, admitindo. Já tinha ouvido falar como é São Paulo. Mas ponderou que a realidade aqui é outra. A cidade, um nadinha, não dá para comparar.

Aí Megalomanão achou que era hora de explicar. Cidade pequena por culpa dos administradores. Se houvesse um prefeito arrojado, que fizesse a cidade crescer, desenvolver-se,

expandir-se, tudo seria diferente. E rematou:

– Eu vou ser prefeito disso aqui e vou fazer desta cidadezinha uma metrópole. Vou fazer isso se multiplicar.

João deu corda à conversa, passando para a área rural.

– Megalomanão, já pensou você dono duma grande fazenda?

– Comigo mesmo.

– Por exemplo, a fazenda Saco, lá em cima, na Cachoeira.

– Ah!... Eu sempre tive um sonho de ter uma fazenda bem grande, mas bem grande mesmo, grandona, pra eu mandar e desmandar. Eu ainda vou ser dono da fazenda Saco.

– E há outras grandes, descendo o rio beirada abaixo. Depois do Saco, vêm Borá, Vargem Grande, Pontes, Pedrinhas, Riacho, Pesqueiro, Cercado, Capão, Retiro.

– Nossa! Bom demais. Eu ainda vou ser dono disso tudo.

– E mais afastadas do rio: Cabeceira, Quebra-Anzol, Palmital, Cuscuzeiro, Tamboril, Forquilha, Mangues.

– Quero tudo. Dono de tudo. Vou ser...

– E fazendo um ziguezague, para o lado da serra: Barreiro Grande, Barreirinho, Cedro, Palmeiras.

– Essas também. Essas da banda da serra são mais românticas. Vou ser dono. Dono de tudo. Tudo, tudo, tudo.

O instrutor meteu-se na conversa:

– Vamos deixar um pouco esses latifúndios e pegar uma coisa melhor. Temos uma música sertaneja que se chama *Mil Mulheres*. Que tal mil mulheres?

Rufina interveio:

– Só podia ser sertaneja.

Megalomanão estava com os olhos arregalados:

– Eu quero essas mil mulheres pra mim, pra morar nessas fazendas. Salomão teve muitas, eu também posso ter.

O instrutor continuou:

– Há também um filme brasileiro com o título de *Todas as Mulheres do Mundo*. O que você acha?

Rufina de novo:

– Só podia ser brasileiro.

E Megalomanão levantou-se do banco:

– Vou assistir a esse filme. Quero ver. Quero as mulheres. Quero, quero... todas... todas pra mim.

A secretária olhou para Megalomanão. O instrutor foi em frente:

– A propósito, outro dia apareceu um poeta aqui na academia e, vendo o pessoal malhando, falou: “milhares das melhores mulheres se malhares.” Disse que esse tipo de poema se chama aldravia e quer dizer que, se o sujeito malhar, terá milhares das melhores mulheres.

Rufina:

– Só podia ser poeta.

E Megalomanão, decidido:

– Quero. Quero malhar. Vou fazer minha matrícula aqui.

A secretária sorriu. João retomou:

– Sim... Faça sua matrícula. Para ter tantas mulheres assim, é preciso malhar... Mas melhor do que aquele negócio de ser prefeito, governando o município, seria governar todos os municípios do Estado, ser governador.

– Pois eu vou ser governador. Vou me meter na política, vou me eleger governador, vou governar o Estado.

– Muito melhor seria ser presidente da República. Assim, de certa forma, governaria todos os Estados.

– Pois eu vou ser presidente. É o que eu quero. Eu vou ser presidente da República.

A secretária soltou uma risada. E João prosseguiu:

– Muito melhor mesmo seria ser governador do planeta Terra. Governaria todos os países do mundo.

– Pois eu vou ser governador da Terra.

– Muito melhor ainda seria ser governador do Sistema Solar: vários planetas, alguns deles com diversos satélites e ainda asteroides, meteoros, cometas.

– Pois eu vou ser governador do Sistema Solar.

– O Sistema Solar faz parte da galáxia Via Láctea, com vários sistemas.

– Pois eu vou ser governador da Via Láctea.

Aí, Rufina deu mais corda:

– Megalomanão, imagine uma galáxia.

– Imaginei.

– Imagine dez galáxias.

– Imaginei.

– Imagine cem galáxias.

– Imaginei.

– Imagine mil galáxias.

– Imaginei.

– Imagine um milhão de galáxias.

– Imaginei.

– Imagine um bilhão de galáxias.

– Imaginei.

– Pois é. Consta que existem cerca de cem bilhões de galáxias. Imagine cem bilhões de galáxias.

Megalomanão bateu o pé no chão, estufou o peito e falou, quase gritando:

– Imaginei. E vou ser governador de todas elas. De cem bilhões de galáxias. Pra mandar e desmandar!...

João, mesmo sabendo que perderia o possível aluno de sua academia, disparou:

– Você não imaginou nem é capaz de imaginar. E não vai governar nada. Deve ter sido São Paulo que deixou você assim.

CHAVES DO CONCLAVE

Flávio R. Kothe

Não temos a chave do Conclave que há de escolher o sucessor do papa Franciscus. Podemos, no entanto, buscar algumas chaves do filme “O conclave”, premiado este ano com o Oscar, além da chave óbvia de que se trata de um investimento feito quando o papa já era idoso e se poderia prever que seu passamento iria estimular milhões de espectadores a assisti-lo. Certo é, porém, que o Conclave será diferente do filme, embora este procure estar atualizado quanto às tendências políticas em conflito. Mesmo a solução proposta, a escolha de alguém fora do colegiado normal, já ocorreu na história.

Vi o filme com meu filho de 22 anos, engenheiro, e achei interessante ao conflito de opiniões que tivemos no fim. Quando o filme se encaminhava já para os seus finais, vi brotar em mim o espontâneo comentário de que os autores do romance e do script haviam exagerado na dose de psyops da CIA, forçando a barra da ideologia identitária. Meu filho disse que só estava querendo se divertir vendo o filme; eu respondi que o preço da diversão ianque é a doutrinação. Não usei a expressão lavagem cerebral. Meu filho estuda numa universidade em que a doutrina dos gêneros gerou a prática de que só mulheres podem concorrer à Reitoria, pois cuidam melhor que os homens.

Qual é a chave de “O conclave”? Se for pelo argumento do roteiro, o próximo papa teria de ser bissexuado, um hermafrodita. Só assim ele seria capaz de não ser dogmático, ter na dúvida o fundamento da fé. Se surgisse, porém, um papa assim, ele teria logo de apresentar atestados médicos negando o fato. Seria perseguido por boatos desgastantes pelo resto do mandato. Assim como a Presidenta Dilma foi desgastada por uma sórdida campanha difamatória, de que seria autoritária e burra: acabaram por legitimar o golpe de Estado que a vitimou sem culpa formal.

Se o filme realmente tivesse o poder de influenciar que pretende, todo papável teria de fazer prova de sua sexualidade. Exatamente isso fica excluído na vida dos religiosos católicos, que fazem o voto da castidade para se dedicarem integralmente à Igreja. Equivale ao sacrifício que fazem os judeus com a circuncisão, que dura a vida toda e não precisa ser feita a cada dia.

O papado é a única monarquia eleita, já que os eleitores, supõe-se, não têm filhos que os pais possam querer promover a sucessores.

O modelo da Igreja Católica está na *República de Platão*. Nesse governo dos sábios, o mestre grego postulou o heliocentrismo como o que distinguiria os “donos da verdade” e os crentes gregos, que tinham um geocentrismo implícito na crença de que Apolo levaria o Sol pelo céu a cada dia. Hoje, todos sabem que nem o Sol nem a Terra são centro do universo, porque este sequer tem centro, pois não tem limites (e não é um uni verso). Claro é que os cristãos tiram isso de letra, pois eles têm um deus que rodeia tudo isso, abrange tudo e mais um pouco. O heliocentrismo foi uma doutrina egípcia para legitimar Tutancâmon, como filho do Sol. Quando esse monoteísmo foi posto fora do poder pelo retorno do politeísmo, ele foi imposto aos judeus, escolhidos pelos sacerdotes egípcios para manterem essa crença (que foi repassada a diversas religiões posteriores).

Esse filme “O conclave” adota a tese católica de que o colégio eleitoral é inspirado pelo Espírito Santo (que em geral não consegue se comunicar bem com os cardeais, pois não há unanimidade dos votos). Ele aparece por atentados a bomba, que forçam uma decisão. As votações vão mostrando o embate entre diferentes forças: cardeais italianos da cúria, que querem preservar o poder; americanos e europeus ambiciosos de mando; um cardeal negro, a representar o terceiro mundo; um cardeal mais reacionário e prepotente.

O filme é uma novela de detetive. Este papel é desempenhado pelo Camerlengo, que supervisiona o simpósio e é obrigado a assumir por três vezes a função de desvendar mistérios. O primeiro aparece durante o repouso noturno dos cardeais, quando se ouve uma voz feminina e uma masculina em discussão. Pela manhã, uma freira negra deixa cair uma bandeja. O Camerlengo vai investigar, mas a freira que supervisiona o trabalho das mulheres religiosas quer resolver tudo sozinha. Ele exige que ela obedeça. Assim, entra em contato com a freira de origem africana: sob confissão, ela diz ter tido um filho com o cardeal negro papável quando eram jovens. Quando ele é abordado, reconhece que teve o caso, mas que não havia sido repetido, tendo a criança sido adotada por uma família, e que um pecado de juventude não deveria impedir que se tornasse papa. Essa defesa não é aceita para ele ser digno da função.

Desdobramento da investigação é descobrir quem convocou essa religiosa para o Vaticano nesse período. Desta vez, o Camer-

lengo tem a cooperação da freira supervisora, que lhe dá acesso a documentos privados do papado e permitem decifrar o que teria se passado entre o falecido papa e outro candidato ao cargo: há o boato de que lhe teria sido exigido que abdicasse. Este havia tratado de se livrar do candidato africano, convocando quem podia comprometer-lo. Tais documentos são distribuídos então em cópias a todos os cardeais eleitores. Assim se liquidam dois candidatos.

A disputa entre os remanescentes se acirra, mais ainda porque estão ocorrendo atentados terroristas fora. Os candidatos europeus se enfrentam. O candidato mais à direita prega com veemência a necessidade de eliminar inimigos na guerra religiosa em curso. O problema que surge agora é saber como impedir que o Vaticano caia nas mãos da extrema-direita, intolerante e dogmática. Daí entra em cena o Espírito Santo.

Após veemente discussão, ouve-se a voz do cardeal *in pectore*, nomeado secretamente pelo Santo Padre, o cardeal de Cabul. Ele diz que tinha estado em diferentes países e visto várias guerras, com cadáveres católicos e de outras religiões. Era preciso evitar as guerras, lutar pela compreensão mútua, pela compaixão. Que esta, sim, era a doutrina de Cristo. Na votação seguinte, ele é eleito papa.

Há nele, no entanto, um segredo, a ser decifrado pelo Camerlengo, que soube que ele tinha ido a uma clínica suíça, patrocinado pelo falecido papa. Perguntado, ele conta que realmente havia ido lá para examinar a possibilidade de uma cirurgia. Na aparência externa, no internato, ele não se distinguia dos outros meninos, mas cedo havia descoberto que tinha ovários. Seria possível extirpá-los mediante cirurgia, mas que ele havia decidido não fazer, pois, se Deus o havia feito como era, ele precisava se aceitar assim. Havia contado isso ao papa antes de ser nomeado cardeal *in pectore*. Esse dado não é contado a todos: o expectador sabe mais que o colégio de cardeais...

Na mitologia grega havia uma figura que havia sido mulher e depois homem. Tal personagem foi perguntado sobre como havia sentido mais prazer. No caso do novo papa, a tese do filme é que ele seria mais compreensivo, menos dogmático. Não há prova de uma relação causal aí.

Continuação na página 8

UM DEFEITO DE COR, DE ANA MARIA GONÇALVES

Arnaldo Godoy

Em 1844, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lançou concurso com o objetivo de premiar projeto sobre como se deveria escrever a História do Brasil. Karl Friedrich von Martius venceu a contenda. O naturalista alemão submeteu à comissão julgadora uma dissertação, argumentando que a História do Brasil deveria se centrar no encontro entre índios, portugueses e africanos. O sábio, no entanto, enfatizava a preponderância do europeu. Afirmava que “o sangue português, em um poderoso rio, deverá absorver os pequenos confluente das raças índia e etiópica”. Imputava uma inferioridade a índios e africanos. Elogiava entradas e bandeiras.

A proposta de von Martius é passo fundante de um ponto de vista historiográfico infelizmente dominante. Uma interpretação de fundo racial, que Lilia Schwartz analisou, em “O espetáculo das raças”. Trata-se do papel de cientistas e instituições na construção do discurso racial no Brasil. Nossa história expressa-se como narrativa de conquista e de imposição, embalada por um imaginário heroísmo português. Essa construção ideal do passado é endossada pelos destinatários da fábula. É uma história de conquista europeia. Os conquistados acreditaram. Mas há quem conteste. Também quero contestar.

O rompimento radical com esse paradigma é o ponto central de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. Trata-se de romance com consistência técnica e criativa que justifica atenção e tempo para suas quase mil páginas (947, para ser exato). A autora (que é mineira, é de Ibiá) nos apresenta uma bem fundamentada História do Brasil, sob a visão do escravizado. É a versão do dominado. A autora não se rende à vitimização ou à pieguice. É um livro forte. Um livro que conta uma história forte. Narrado em primeira pessoa, por quem sabe do que e de quem está falando. Seguindo a recomendação de uma colega, me entusiasmei com o livro, mas me intimidei com a extensão. Rendi-me. Por uma semana, acordei mais cedo e dormi mais tarde. Valeu a pena. Vivi uma experiência estética e moral inigualável. Recomendo.

Um defeito de cor é a história de Kehinde, que nasceu no Daomé, em 1810. Tem uma irmã gêmea. Falava iorubá. A família foi violentada. Com a avó e com a irmã, foi

para o litoral. Capturada, ameaçada por guardas violentos que carregavam lanças e tochas, viu-se escravizada. A narrativa da viagem é de derrubar. Ana Maria Gonçalves escreve com precisão: “O tumbeiro apitou e partiu pouco tempo depois que paramos de ouvir barulhos na parte de cima, quando acabaram de acomodar todos os homens”.

A narradora estava com a avó e com a irmã gêmea. Consta-nos que “vistos do alto, devíamos estar parecendo um imenso tapete, deitados no chão sem que houvesse espaço entre um corpo e outro, um imenso tapete preto de pele de carneiro”.

Calor, sufoco, fome, sede, humilhação. Era o vômito, o corpo contra o chão duro, molhado, frio. Um homem quebrou a perna numa escada, os ossos se destacavam, rasgando a pele. Os escravos eram batizados. O religioso que cuidava da salvação das almas do navio distribuía nomes, pelos quais os violentamente convertidos seriam conhecidos no porto de chegada. Doentes eram retirados dos porões e jogados ao mar. Havia negros que se faziam de brancos, que se achavam brancos, e que agiam com a violência dos brancos. Eram os capatazes.

O livro é uma enciclopédia de temas africanos, que nosso cânon historiográfico negligencia. Estudamos as guerras médicas, ou a batalha de Argel, ou as investidas de Nabucodonosor, ou a guerra dos 30 anos, ou a derrota de Pirro, ou César no Egito, ou a captura de Joana D’Arc, mas não nos preocupávamos com o contexto africano e com a diáspora do sofrimento. A autora nos aproxima de Iemanjá, Oxum, Exu, Ogum, Xangô, e outros eguns. Na mesma página faz menção a vários grupos distintos, a exemplo dos jejes, fons, hauçás, igbos, fulanis, maís, popos, tapas, achantis e egbás. Em generosas notas de rodapé explica esse mundo fascinante. No navio, muçulmanos oravam as cinco preces diárias, desconcertados (creio) buscando um horizonte de Meca, para onde deveriam se voltar.

Desembarcaram no Brasil. A narradora apresenta o mercado. Há pormenorizada descrição da venda, e da primeira chibatada. Machuca, só de ler. No Brasil, a narradora passou a ser chamada de Luísa. Essa identificação com a mãe do abolicionista Luís Gama é uma das chaves interpretativas desse impressionante livro. Luís Gama foi vendido como

escravo, aos 17 anos. Triunfou como grande advogado e abolicionista fundamental. Luísa serviu à sinhazinha, Ana Felipa. Em *Um defeito de cor* tem-se número expressivo de personagens. Há o “sinhô” José Carlos, marido da sinhazinha, que violentou Luísa, bem como a um negro que pretendia proteger a violentada. Pareceu-me a cena mais forte do livro. Luísa engravidou. Nasceu-lhe um primeiro filho. A narradora, em forma de vingança, conta-nos o fim de José Carlos.

Luísa viveu inicialmente na Ilha de Itaparica. Da senzala, visitou Salvador. Descreve com muita realidade o Palácio do Governo, a Cadeia Pública, a Casa da Moeda, a Câmara Municipal, o Paço da Catedral, a Ordem Terceira de São Francisco, o Largo do Pelourinho. Conta-nos a agitação da independência na Bahia. Coloca-nos um problema historiográfico central: o que os escravos poderiam comemorar com a escravidão? Qual o sentido do sete de setembro para quem estava na senzala? O leitor avisado não pode se esquecer que a Bahia resistiu ao grito de D. Pedro, que houve guerra, que houve uma figura de destaque, a Sórora Joana Angélica, que enfrentou soldados, ameaçando-os com firmeza: “Parai aí, senhores soldados! Antes de cumprirdes os vossos pérfidos desígnios tereis que passar sobre o meu cadáver!”. A guerra da Bahia é o tema do heroico “Dois de julho”, verso com o qual se abre o Hino da Bahia, e que também é tema de ode de Castro Alves.

Com a morte patrão que violentou a então escrava passou a viver em Salvador, onde ganhou a vida (e a alforria, que comprou) trabalhando como escrava de ganho. Vendia *cookies*. O modo presenteísta como a autora coloca os *cookies*, torna a narrativa tão próxima de nossos tempos. Ganha verossimilhança. Luísa passou a viver com um comerciante português, de quem teve um filho. O mais forte da história segue a partir do desaparecimento do menino. Toda a vida de Luísa parece ser a busca do rapaz, que a exemplo de Luís Gama, teria sido vendido pelo pai. Esteve em São Luís, no Rio de Janeiro, onde andou pela Rua do Ouvidor e pelo Morro do Castelo. Viu capoeiras. Descreve as máscaras de ferro com as quais se reprendiam escravos que bebiam. Esteve em São Paulo, em Santos, em Campinas.

Continuação na página 8

Trinta anos depois de ter aportado no Brasil, e agora em outra condição, retornou para a África. Percebeu que era tratada como “brasileira”. Foi até o Lagos. Retornou para o Brasil. Ao longo da narrativa revê-se sob prisma enriquecedor a história brasileira do século XIX. A Revolta dos Malês, ocorrida em 1835, com a participação também de escravos de religião muçulmana, é descrita com pormenores. Ao que consta, “malês” decorria de uma forma de se falar “imalê”, que em ioruba faz referência a “muçulmano”. O argumento central do livro, do ponto de vista da origem e da sustentação da narrativa, pode ser associado à participação de Luísa nesse importante movimento social que agitou a Bahia.

O título do livro, *Um defeito de cor*, decorre de prática burocrática comum do Brasil colonial. Negros interessados na obtenção de privilégios e de graças, do Estado ou do Clero, a exemplo de ordens sacerdotais, preci-

savam requerer dispensa de consideração de cor, como condição para fruição do favor. O requerente indicava, assim, um “defeito” em sua condição originária, cuja descaracterização era fundamental para a mobilidade social, nesse sentido negociada.

Se alguma classificação for possível pode-se pensar *Um defeito de cor* como uma autobiografia ficcional, com fortíssimos ingredientes de informação histórica. No prólogo do livro e em riquíssimas entrevistas e intervenções (há uma palestra de Ana Maria Gonçalves na Academia Brasileira de Letras disponível no *youtube*) a autora explica-nos a noção de “serendipidade”, enquanto motor explicativo do livro, do esforço, do estudo e da empreitada.

Com origem no inglês (*serendipity*) a expressão teria sido primeiramente usada por Horace Walpole, significando as descobertas que fazemos, inesperadamente, quando ou-

tras coisas buscamos. A autora conta que buscava um livro em uma livraria – estava em São Paulo – e que literalmente lhe caíra um livro de Jorge Amado, um roteiro sentimental das ruas de Salvador. Em uma passagem, o grande mestre de nossa literatura desafiava: “(...) não tenhas, moça, um minuto de indecisão. Atende ao chamado, e vem”.

Foi o que mudou a vida de Ana Maria Gonçalves, que logo em seguida estava em Itaparica, e depois em Salvador. Vários anos de pesquisas e de sucessivas redações. O livro ganhou prêmios, inclusive o prestigiadíssimo Casa de las Américas. A autora é engajada, militante, tem posições firmes. Temos muito que aprender com seu livro: técnica literária, estruturas narrativas, composição de personagens, História do Brasil e da África e, principalmente, uma nova forma de nos compreendermos.

CHAVES DO CONCLAVE

Continuação da página 6

A doutrina da identidade de gênero parece pregar a igualdade dos diferentes (para apregoar, caso se queira, a superioridade dos diferenciados), para deixar de lado a questão central, a desigualdade entre ricos e pobres, entre proprietários de meios de produção e assalariados. Do mesmo modo, o filme não aprofunda a questão básica da religião: a crença na vida após a morte, na “ressurreição da carne”. A “aposta de Pascal” tratou disso. Seu argumento é falacioso, vindo de um monge que era um gênio matemático. Sabendo-se que se vai morrer, haveria uma chance de ter essa vida e uma de não ter: 1 x 1. Se o sujeito apostasse que não haveria, caso houvesse ele ficaria perdido; se apostasse que haveria, e houvesse, ele sairia ganhando (então o jeito era apostar que haveria). Trata-se de aposta, não de certeza, mas o cálculo de probabilidades é usado para doutrinar.

O pressuposto é, porém, que só haveria um Deus verdadeiro. Os homens criaram, no entanto, milhares de deuses diferentes: se o sujeito apostasse em certo deus, rezando para ele a vida toda, e não fosse esse deus a aparecer no além, e sim outro, o crente errado certamente seria mandado para os quintos do inferno. A proporção já não seria mais de 1 x 1, e sim de 1 x 1 em >1000. Mesmo entre os monoteístas, Deus não é sempre igual.

A questão se desloca, portanto, da vida eterna para essa necessidade de crer que o sujeito vai ser preservado para o todo e sempre. Ele se sente tão precioso que acha que merece isso e ainda um paraíso. Um nome simples para isso é narcisismo, mas não resolve a questão. Todo crente é um negacionista. Consola mais crer do que assumir a dúvida, a certeza da morte espiritual.

Sob a humildade de padres e pastores, tem-se a arrogância de se sentirem tão impor-

tantes que só aceitam um deus como senhor, patrão da querência. Eles abdicam das glórias do mundo (não é bem isso o que se vê no luxo do Vaticano) para lograrem a glória eterna. Trocam pouco por muito, assim como trocam algumas horas de culto e liturgia pela eternidade. Obter tanta vantagem seria uma loteria, máquina inventada por Pascal para diversão da aristocracia.

Franciscus foi um bom papa: defendia os pobres e desvalidos, pregava a fraternidade, a tolerância e a paz. Deve ser sucedido por alguém mais à direita e, se deus quiser, europeu e italiano. Se a um pobre brasileiro impressionam os paramentos encarnados, pretos e azuis dos religiosos, a riqueza dos mármore coloridos, das estátuas e dos prédios da Igreja, mais ainda eles impressionam se tomados em nome da pobreza. Devem ser um sinal de acesso ao divino.

POEMAS DE NARA FONTES

ALVO

na segura do eu incerto
brota o espanto
pela vida

em incansáveis horas
o tempo ensina
ao desatento

nada é certo
se desconcerta
acerta o alvo

sobra pouco ao que
(não sem sofrer)
tenta ser perfeito

AMARELINHA

despeço-me das sombras
no ziguezague
do tempo
que ora queima,
ora acerta
teimo em ser incerta
no quadrado imperfeito
das horas

amarro as linhas
que tecem a irrealdade
no compasso impreciso
das manhãs, onde brinco
de amarelinha
no vai e vem
do aqui e agora

UMA POETA INCONTORNÁVEL

Ronaldo Cagiano

Voz singular no universo da literatura de expressão lusófona, a portuguesa Glória de Sant'Anna (☆ 26.05.1925 – †02.06.2009) terá seu centenário comemorado em maio, na vila de Válega, no município de Ovar, Portugal, em evento organizado por Inez Andrade Paes, sua filha, poeta, realizadora cultural e curadora do Prêmio que leva seu nome.

Em 24.5.25 vários eventos celebrarão a efeméride, a memória e a trajetória poética de Glória de Sant'Anna, que nasceu em Lisboa, viveu em Moçambique (de 1951 a 1974), onde produziu parte relevante de sua obra, que repercute os cenários e cartografa motivações de uma riquíssima experiência existencial em solo africano, carregando na sua dicção literária a expressão estética de uma realidade permeada por um multifacetado imaginário social, político e histórico, permeado por uma mitologia que reflete os costumes, valores e cultura de uma nação aguerrida.

Destaca-se, na ocasião, o lançamento da coletânea “Silêncio Aberto – 100 anos – 100 autores”, no Museu Escolar Oliveira Lopes, com a chancela do GAC-Grupo de Ação Cultural de Válega, obra que reúne ensaios, textos críticos e poemas alusivos à poeta. Concomitantemente, será aberta a exposição de pintura “Ante + Post”, de seu filho Rui Paes, pintor, ilustrador e muralista nascido em Maputo, com obras espalhadas pelo mundo, tendo participado de várias exposições individuais e coletivas.

Com uma trajetória de densa e intensa criatividade, tendo atuado em várias frentes, como poeta, prosadora, jornalista, radialista e professora de línguas e História, Glória de Sant'Anna deixa uma obra bem recebida pela crítica, legado estético que consolida sua expressão poética entre os grandes nomes da sua geração. Sua escrita foi saudada por importantes escritores e críticos. Eugênio Lisboa ressaltou sua criação poética como “uma arte líquida, secreta, discretamente deslizante, atenta e comovi-

da, contidamente dramática, ilusoriamente tranquila, rica nos seus meios, de uma simplicidade, nítida, mas plena de mistério, límpida, mas “mortal” e tocada pela asa de uma angústia que mal se mostra. Uma arte de rigor e de modéstia — clássica portanto. Mas viva.” Para João Gaspar Simões, estamos diante de uma poeta “que, por vezes, sobrepuja a confiança, desdenha a eloquência e se abeira do mais puro lirismo.”

Em um de seus poemas, de “Amaranto” (1984), Glória de Sant'Anna lança seu olhar sobre o vasto mundo geográfico e sensorial que a habita: “eu canto as gentes vivas e as ausentes/as coisas por fazer ou já desfeitas/as empenas das casas levantadas/as empenas das casas esqueléticas/ o vento a flor a pedra a dor a chuva/o perfil a palavra a mão a fome/o verme o pássaro o inseto a nuvem/e o mar e o grito e o pão que o tempo absorve/ mas sobretudo eu canto ai sobre todo/este morrer de amar cada segundo/ horizontes por que me desfiguro/à mortal palidez de um céu inútil”.

FLORA TRISTÁN E PAUL GAUGUIN, OS INDOMÁVEIS DE VARGAS LLOSA

Vera Lúcia de Oliveira

Se se cruzassem na rua, não se reconheceriam. Eram, no entanto, avó e neto. Ela, Flora Tristán; ele, Paul Gauguin. Não se reconheceriam por não serem parecidos fisicamente e por serem pessoas tão opostas e de épocas diferentes. A escritora e ativista socialista Flora defendeu com unhas e dentes as mulheres de todo tipo de exploração e abuso pelos homens, seja na posição patriarcal de maridos com direito de vida e morte sobre elas, seja na condição de patrões exploradores do trabalho feminino. Já o genial pintor Gauguin, como homem, foi explorador e desrespeitador das mulheres de outra cultura, as taitianas. São dois universos distintos, dois mundos separados por duas gerações. A avó Flora Tristán (1803-1844) não

conheceu o neto Paul Gauguin (1848-1903).

A vida de ambos foi uma luta constante, sem trégua, até a morte. Quem nos conta essa história dolorosa é ninguém menos que o maravilhoso Mario Vargas Llosa, o maior escritor vivo até o dia 12 de abril de 2025, no livro *O paraíso na outra esquina* (SP: ARX, s/d), biografia romanceada, com rigor na pesquisa histórica e liberdade ficcional, uma das obras-primas do autor peruano, premiado com o Nobel em 2010.

Não deve ter sido nem um pouco fácil expor a vida de dois seres que se tornaram emblemáticos por seu trabalho ousado, que enfrentaram todo tipo de oposição, foram maltratados, punidos severamente pela teimosia em querer mudar a sociedade e a arte. Assim, a incansável defensora dos direitos

das mulheres, assim o incansável reformador da pintura.

Ler esse belo livro é viajar no tempo e no espaço. Desde meados do século 19 até o começo do 20, acompanhando não só a odisseia dos dois personagens, como também os avanços e recuos da vida na Europa, na América (especialmente no Peru) e na Polinésia Francesa. É inacreditável que os trabalhadores pobres possam ter sobrevivido a tanta crueldade e maus tratos! E onde havia injustiça lá chegava Flora Tristán. Viajou, viu, escreveu livros, fez denúncias, mexeu no vespeiro dos capitalistas e latifundiários frios e impiedosos. Não deixou pedra sobre pedra. Foi perseguida, ameaçada,

Continuação na página 10

presa e atingida por uma bala que se alojou perto do coração, a lembrar-lhe que a vida era uma roleta russa. Mas nem isso a intimidou. Ao contrário, fez com que se tornasse de extrema urgência o seu projeto reformista, pois não havia tempo a perder. A vida pulsava em seu peito abraçada com a morte.

Não foi diferente com o neto Gauguin. Impulsionado por força indomável, com o diabo no corpo, só via a vida por meio da Arte. Depois de viver uma vida burguesa que incluiu sucesso financeiro, atendeu o clamor que vinha do lugar mais recôndito de sua alma e não titubeou: largou tudo, emprego na Bolsa de Paris, mulher e cinco filhos e partiu à procura do ser primitivo que o habitava. Viagem sem volta. A busca talvez do que Jung chamou de “individuação”, jornada muitas vezes dolorosa para tornar-se um todo espiritualmente, um ser completo, unindo o consciente e o inconsciente, enfrentando a própria “sombra” e eliminando as máscaras sociais.

Foi dessa maneira que Gauguin rompeu com a vida estabelecida em busca do mundo primitivo, que imaginava puro, antes do pecado, o Paraíso terrestre. Algo muito arcaico com certeza aflorou em seu inconsciente, que o impeliu a jornada tão transformadora. De fracasso em fracasso, seguiu a bússola do seu destino de homem, muitas vezes degenerado, atraído pelo novo na Arte, sua única lei, sua religião. Queria ser livre junto à natureza primeva, sem os grilhões sociais que aprisionam a todos, ele que se considerava um inca por sua ascendência materna, talvez trouxesse essa força milenar no sangue, com a atração irresistível por totens, deuses e demônios que esculpiu como forma de preservar a cultura dos maoris, que via ser extinta pelos ocidentais. Uma luta solitária, uma resistência.

Era, assim como o “Holandês Louco”, com quem partilhara sonhos e decepções, como “o louco da imortal loucura” de que fala o belíssimo poema do nosso poeta Cruz e Sousa, também simbolista. Criou a chamada pintura simbolista que tanto impactou o mundo ocidental. Pintou sentimentos e sensações íntimas, buscando o mistério e a espiritualidade. Chocou a todos com a violência das cores saturadas, com traços fortes nos contornos escuros, com novas perspectivas e temas considerados sacrílegos. (Onde já se viu um Cristo amarelo em forma de autorretrato?) E fez obras-primas como o monumental e místico “De onde

viemos? Quem somos? Para onde vamos?”. Tudo isso depois dos trinta e cinco anos de idade, pois até então nunca havia posto a mão num pincel... Foi a descoberta tardia do talento, da força irreprimível que insistia em se expressar. Como a erupção de um vulcão. No fundo, o trabalho como missão, feito o da avó que não conheceu.

Como o mestre Vargas Llosa trabalha o livro? Com o perfeito domínio do bom contador de histórias, que é. Alterna os episódios da vida dos personagens, ao mesmo tempo em que entrelaça os fatos históricos e pessoais da avó e do neto. A fluência é o ponto alto. O romance transcorre como um rio, ininterrupto, com cachoeiras de emoções e placidez. Um épico moderno. Nele, o narrador dialoga com Flora, a quem chama Florita, e com Gauguin, a quem chama de Koke, assim chamado pelos taitianos. Alterna, dessa maneira, graciosamente, o discurso em terceira e segunda pessoa quando fala diretamente com os dois personagens. Não ficou mais interessante assim, Llosa? Vejamos.

Pelo menos disso estava seguro, Koke. Sua pintura não era de um europeu moderno e civilizado. Ninguém se enganaria a esse respeito. Embora você o intuísse de maneira incerta havia muito tempo, fora na Bretanha, primeiro em Pont-Aven, depois Le Pouldu, onde entendera tudo de maneira absoluta. A arte tinha de romper essa moldura estreita, o horizonte pequenino em que haviam terminado por encarcerá-la os artistas e os críticos, os acadêmicos e os colecionadores de Paris: abrir-se ao mundo, misturar-se às demais culturas, arejar-se com outros ventos, outras paisagens, outros valores, outras raças, outras formas de vida e de moral. Só assim recobriria a pujança que a existência macia, fácil, frívola e mercantil dos parisienses lhe haviam subtraído. Você o fizera, saindo ao encontro do mundo, indo procurar, aprender, embriagar-se daquilo que a Europa desconhecera ou negava. Tudo isso lhe custa caro, mas não é verdade que você não se arrependia, Koke? (p. 405).

E Florita?

(...) Se as coisas não tinham saído melhor, não fora por falta de esforço, convicção, heroísmo, idealismo. Se não haviam saído melhor era porque nesta vida as coisas nunca saíam tão bem como nos sonhos. Que pena, Florita! (p. 424).

Vencida pelo tifo, depois de muito sofrimento, no dia 12 de novembro de 1844, aos 41 anos, mas parecendo uma velhinha, depôs as armas, que eram na verdade sua palavra viva e em forma de livros, a exemplo

de *Peregrinações de uma excluída* (1838), que lhe valeu aquela bala no coração, e *A união operária*, publicado um ano antes de sua morte, obra que, como a do neto que não conheceu, foi sua luta e sua religião.

E Gauguin, o iconoclasta e anárquico que venceu o mar como marinheiro durante seis anos, que venceu o frio de Paris sem agasalhos, agora, semicego e inválido, jogado numa cama — como Rimbaud, o poeta maldito — com as pernas dilaceradas, ambos marcados para morrer longe da pátria francesa, que tanto renegaram... Era o dia 8 de maio de 1903, prestes a completar 55 anos de genialidade e rebeldia...

[OS DESCALÇOS]

Mardson Soares

Os descalços
não estão à procura
de sapatos.

Eles nunca
tiveram sapatos.
Isso não lhes faz falta.

Eles têm o caminho
todos os dias.
E eles seguem
esse caminho.

Se há uma fonte
à sua frente,
eles param
para saciar sua sede.
E seguem o caminho
que têm que seguir.

Se há duas setas
apontando
dois caminhos,
eles param
e meditam.
Mas não meditam
por muito tempo.

Mais do que meditar setas,
eles têm um caminho
a seguir.
E seguem.

O BRASIL E O MUNDO EM QUE VIVEU AIMÉE

Edmílson Caminha

Nada mais desinteressante do que biografias que apenas contam histórias lineares, do nascimento à fama, à velhice, à morte. Estão menos para o bom jornalismo literário (ou literatura jornalística...) do que para relatórios policiais de diligências, autos de processos no Supremo. Grandes obras do gênero são as que não só dizem dos biografados, mas também os situam, subsidiariamente, no lugar, no meio e no tempo em que viveram. Não os apresentam como razão de tudo, centro em torno do qual gravitam pessoas e fatos, mas frequentemente como pretextos para falar dos outros, narrar-lhes episódios pitorescos, o que muito enriquece o texto. Isso posto, junte-se, aos mestres da biografia brasileira – Ruy Castro, Fernando Morais, Lira Neto –, o nome de Delmo Moreira, autor de *A Bem-Amada* (São Paulo : Todavia, 2024).

É a vida trepidante da *socialite* Aimée de Heeren, “a última dama do Brasil”, como se lê no subtítulo. Morreu em 2006, com o segredo de uma idade que, segundo confessava, não dizia nem aos médicos. Pode ter vivido mais de um século, mas com a aparência de 20 anos mais nova. Mulher de Luís Simões Lopes, amigo do presidente Getúlio Vargas, de quem foi chefe de gabinete e, depois, primeiro presidente da fundação que recebeu o nome do caudilho gaúcho. Em viagem a Berlim, o marido não escondeu o sentimento pró-nazista de muitos participantes do Estado Novo, que agora se repete entre fanáticos bolsonaristas:

Simões Lopes elogiou a beleza dos uniformes militares e se encantou com as imagens do Führer e da suástica dominando cartazes de rua, telas de cinema e capas de jornais. “A organização do Ministério da Propaganda [alemão] fascina tanto que eu me permito sugerir a criação de uma miniatura dele no Brasil”. Achou o ministro Joseph Goebbels “grande figura de homem dinâmico e talvez o cérebro do nacional-socialismo”. Entre as realizações louváveis do governo, destacou a censura à imprensa, os controles rígidos sobre os órgãos da cultura (...). Em sua opinião, as últimas eleições alemãs haviam demonstrado que “o povo foi

realmente nazificado” e, assim, “vive satisfeito e distraído, esquecido da política”.

Separada, Aimée viria a casar-se com o magnata americano Rodman de Heeren, de quem passaria a usar o sobrenome. Mulher muito à frente do seu tempo, tornou-se amante de empresários influentes e de políticos famosos, lista encabeçada por ninguém menos do que o todo-poderoso Getúlio, ao que parece pouco preocupado em esconder a relação extraconjugal. Conta-se que amigos próximos alertaram o político, receosos de que a imprensa os denunciasses como adúlteros. E ele: “Bobagem, quem espalha esse boato é o Simões, para se promover”. Sim, a mulher lhe botava chifres, mas com o presidente da república...

Nas mais de 1200 páginas dos dois tomos do seu *Diário* (Rio de Janeiro : FGV, 1995), Getúlio fala dos 38 encontros íntimos que, por mais de um ano, manteve com a “Bem-Amada” – codinome engenhoso para aludir a Aimée, “amada”, em francês. Relacionamento sigiloso partilhado apenas com o amigo Iedo Fiúza, diretor-geral do DNER, que o conduzia a uma *garçonnière* na rua Barata Ribeiro, em Copacabana. “Passeio com Fiúza”, “proveitei sábado e domingo para algumas excursões pelas estradas de rodagem”, dizia o baixinho barrigudo, para lembrar as horas de prazer com a amante. Depois de longa abstinência, anotou: “À tarde, uma visita agradável, interrupção de três anos e meio de vida regular. Uma sinalefa!” Perceba-se a sofisticação da metáfora, de homem culturalmente refinado que escrevia bem, ao valer-se do recurso poético em que duas sílabas soam como apenas uma, a exemplo do verso decassílabo “Só a leve esperança, em toda a vida,” de Vicente de Carvalho, que se lê “Só / a / le / ves / pe / ran / çem / to / da / vi”, com a ocorrência de três sinalefas para que tenhamos dez sílabas poéticas, desprezada a última, se átona, segundo a norma da metrificação. Assim, estar na cama com Aimée valia por uma sinalefa, verdadeira “prega” no tempo. Como se vê, Getúlio era bom não só de cama: sabia versificação, também...

Imagino os dois nus, entre lençóis, surpreendidos por um ladrão que, nervoso, disparasse o revólver. E a notícia em edição

extraordinária, do *Repórter Esso*: PRESIDENTE VARGAS MORTO POR ASSALTANTE EM COPACABANA! Prova de que, ontem como hoje, a tentação sexual leva presidentes a pôr em risco a carreira e a própria vida: não só Getúlio, também Juscelino Kubitschek, João Goulart, Jânio Quadros, João Figueiredo, Tancredo Neves tiveram casos de conhecimento público. Ditadores e democratas, líderes da esquerda e da direita, diferenças que somem quando resolvem pular a cerca...

Elegantemente discreta, Aimée nunca admitiu o romance com Vargas. A um repórter que a provocou, disse apenas: “Na minha idade, não posso fazer confissões”. Já mulher, Cristina, a filha que teve com o marido americano, ignorava tudo. Lembrava-se de que, certa noite, ouviu da mãe: “Hoje, antes de dormir, além de rezar pelo seu pai, peça graças também para o presidente Vargas”.

O próximo da lista foi Assis Chateaubriand, todo-poderoso dono dos Diários Associados, “o Rei do Brasil”, como o elegue Fernando Morais na excelente biografia *Chatô* (São Paulo : Companhia das Letras, 1994). Fez brilhar a nova paixão como uma rainha francesa no castelo de Corbeville:

O delirante espetáculo tropical organizado por Chatô em Paris para promover o algodão brasileiro homenageou Aimée, em meio a centenas de nomes famosos, como a celebridade da noite. Ela adentrou a festa numa liteira, carregada por quatro homens negros. (...) Estava fantasiada de “Sinhazinha do Engenho dos Falcões da Várzea do Capibaribe” (...) Dos fundos do castelo, surgiram dez cavalos montados por homens de gibão e chapéu de couro, cada um com uma beldade na garupa. O primeiro dos jagunços, Chatô, levava Elza Schiaparelli caracterizada de deusa inca. Logo atrás, fantasiado de Lampião, vinha o sociólogo francês Paul Arbousse-Bastide, um dos “professores importados” da USP, formando dupla com a modelo Danuza Leão, ela de Maria Bonita.

Assim era o Brasil nos anos 1950... A

Continuação na página 12

imprensa da oposição acusou Getúlio de torrar 205 mil dólares em uma “farra”, uma “orgia”, a “bacanal de Corbeville”. Em resposta, Chateaubriand fez ninguém menos do que Gilberto Freyre, colaborador nos Associados de Pernambuco, ver no sobrenome da brasileira uma indicação de que descendia de nobres da Holanda, com o que lhe deu o título de Condessa de Heeren, “a mais encantadora das Wanderleys”. Quatro edições da revista *O Cruzeiro* trouxeram 68 páginas sobre o “Carnaval brasileiro em Paris”, que o sociólogo de *Casa-grande & senzala* defendeu como “missão diplomática de afirmação nacional”. Depois, Chatô faria o presidente Kubitschek nomear Aimée consulesa honorária do Brasil em Biarritz, e, a ele próprio, embaixador em Londres. Já na ditadura que teve início em 1964, inventou de ir à Rússia em missão presidida pela amante, de que voltariam com “importantes documentos para a história brasileira”. Na capital soviética, hospedaram-se no Hotel Moskva, que o jornalista comparou a uma pensão de segunda classe em Goiânia... Em sessão solene da Academia de Ciências da União Soviética, Aimée abriu os trabalhos como presidente da delegação brasileira, Chateaubriand presenteou autoridades com ponchos gaúchos e uma jornalista russa leu o discurso autocongratatório que escrevera a duras penas, na máquina em que teclava letra por letra, em consequência do AVC que o deixara paraplégico. Esse, o Chatô que mandava e desmandava no Brasil, homem tão contraditório e inverossímil que, se personagem de um romance, seria péssimo, de tão absurdo.

Difícil ignorar os encantos da bela senhora: conquistou o Duque de Westminster, homem mais rico da Inglaterra, ex-amante de Coco Chanel. Apelidado, sugestivamen-

te, de Bendor, em homenagem a um garanhão do haras de que era dono... Convidada para uma suntuosa festa em Veneza, conheceu o cineasta Orson Welles, foram dançar no jardim e não voltaram: souberam deles em Paris, onde namoraram por uma semana, tempo razoável para a companhia. “Ele era muito chatinho...”, confidenciava a amigas. Em Poços de Caldas, no Palace Hotel, o jovem banqueiro Walther Moreira Salles flagrou o capitão Nero Moura, herói de guerra na Itália e piloto do presidente Vargas, a fugir pela varanda do quarto vizinho, a tempo de Aimée abrir a porta para Getúlio com uma cara de sono que deve tê-lo convencido... Tamanho poder de sedução se devia à beleza, ao charme, à simpatia mas também à franqueza inteligente do que dizia:

Eu olho para a frente, para não tropeçar.

Amor não tem nada a ver com casamento. Casamento é um acordo de interesses.

Outra coisa que não entendo é se separar do marido sem ter outro para casar.

A Bahia é uma embriaguez permanente de brasilidade.

Alimentar-se de um boi velho não pode fazer bem para o corpo.

Velho é muito cacete, gosto de gente jovem.

Um dos melhores capítulos do livro, o oitavo lembra o que se pode considerar, em Paris, o nosso Baile da Ilha Fiscal, quando o Império de Pedro II mal sabia que, em uma semana, seria derrubado pela República. Em 1º de julho de 1939, Aimée cintilava na Villa Trianon, próxima ao Palácio de Versailles, entre os mais famosos nomes da política, da economia e da cultura europeias. Dali a exa-

tamente dois meses, explodiria a Segunda Guerra Mundial:

Naquela noite divertiam-se lado a lado artistas libertários e políticos da extrema-direita; nazistas e judeus. Intelectuais parolavam com monumentos da futilidade terrena, e homens às voltas com o destino de nações trocavam gentilezas com homens que tomavam providências práticas para preservar seu dinheiro antes da tormenta.

Os sinais da tragédia por que passariam os judeus eram gritantes:

Um antissemitismo agressivo impregnava a imprensa, as artes e a literatura francesa. O escritor Louis-Ferdinand Céline publicava panfletos contra os judeus que estavam por todas as partes como “vermes persuasivos”. (...) Ligas de extrema-direita como a Croix-de-Feu dominavam a Sorbonne. (...) O ex-namorado [de Aimée], Bendor, Duque de Westminster, tentava convencer o amigo Churchill a ser mais compreensivo com o avanço nazista.

Deflagrada a guerra, os poderosos reagiram como sempre: não perderam tempo em salvar a própria pele, esconder fortunas, abandonar amigos, pouco se lhes dando a miséria, o sofrimento e a morte de milhões de inocentes. Poucos, como o diplomata brasileiro Souza Dantas, arriscaram-se a proteger centenas de famílias condenadas a morrer em campos de concentração. Assim foi, assim sempre será, talvez pior, passageiros que somos da nau dos insensatos cujo timão se descontrola sob a demência de trumps, bolsonaros e putins.

Com mão de mestre, Delmo Moreira apresenta o Brasil e o mundo em que viveu Aimée de Hareen, *A Bem-Amada*. Assim devem ser todas as biografias.

O SONÂMBULO

Ronaldo Costa Fernandes

Tudo se inflama
ao toque do dedo
em chamas.

O cabelo do tapete
despenteia-se
aos pés de vento.

O sonâmbulo que em mim caminha
conhece todas as variações do solo.

CASA

Glauber Vieira Ferreira

Hoje sonhei que estava na casa de meus avós com meu filho e primo

Aprendíamos a fazer um trabalho de gesso que existia no teto da sala

Pequenas estalactites brancas que encantavam meus olhos de criança

Acordei melancólico
Meus avós e primo já não mais estão aqui
A casa foi reformada e as estalactites se perderam

Estamos apenas eu e meu filho a mil quilômetros de distância do meu paraíso de menino

O meu agora menino chegou para dar mais sentido a meu presente e repensar meu futuro
Talvez também esteja para relembrar meu passado.

(Não existe mais casa, primo, avós.
Nem mesmo aquele eu)